

Mesquita, Mário (2003) *O Quarto Equívoco, O poder dos media na sociedade contemporânea*, Coimbra: MinervaCoimbra

Helena Sousa*

‘Este Quarto Poder está numa fase peculiar da sua evolução. Por um lado, está cada vez mais satisfeito com o poder que o corrompe; por outro, vai no sentido de uma impotência elefantina relativamente a todas as questões que realmente interessam’. Citando Martin Amis, Mário Mesquita arranca para uma densa análise do paradoxal Quarto Poder ou ‘Quarto Equívoco’, como lhe chama. Procurando desmontar mitos e preconceitos sobre o poder do jornalismo e dos *media*, o reconhecido jornalista e professor da Escola Superior de Comunicação Social apresenta, neste livro, um heterogéneo grupo de textos que perspectivam criticamente as práticas e os discursos do jornalismo dos nossos dias.

Não se trata de uma obra concebida de raiz. Temos perante nós o resultado de um percurso de pensamento desenvolvido e tornado público ao longo de uma década (entre o início dos anos 90 e o início deste século) em momentos e contextos bem diferenciados. O *Quarto Equívoco, O Poder dos Media na Sociedade Contemporânea* é uma colectânea de 27 artigos de revistas especializadas, aulas, conferências, palestras, que – pela sua relevância e dispersão – mereciam estar reunidos num único documento, facilitando assim o acesso ao que de melhor se tem escrito, em Portugal, sobre teorias e práticas de Jornalismo.

Mário Mesquita dá-nos conta, na apresentação desta obra, de que não tem a pretensão de solucionar questões que, durante mais de cem anos, a investigação sobre a opinião pública e os *media* tem ajudado a formular, sem conseguir esclarecer cabalmente. Nenhum autor estaria em condições de o fazer, mas Mário Mesquita está particularmente bem posicionado para dar um contributo de grande significado para a compreensão de ‘alguns aspectos da crise do jornalismo na sociedade contemporânea’. Com um longo percurso de excelência no jornalismo, conhece, por dentro, as rotinas das redacções e as lógicas das empresas de que dependem. Enquanto professor de Comunicação, é sistematicamente confrontado com novos problemas e desafios que o obrigam a pensar quotidianamente as articulações entre a experiência feita e a teoria. Enquanto investigador, Mário Mesquita combina um profundo conhecimento da literatura sobre as Teorias do Jornalismo com o rigor criativo de um pensamento autónomo.

Estão, portanto, reunidas as melhores condições para uma profícua produção científica que, nesta obra de quatrocentos páginas, se organiza em cinco partes. A primeira, intitulada ‘*Actualidades*’, compreende textos sobre ‘Celebração e a excomu-

* Professora de Políticas da Comunicação e de Jornalismo da Universidade do Minho. Membro do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da mesma universidade (helena@ics.uminho.pt)

nhão nos acontecimentos mediáticos’, ‘Envolvimento e distanciamento na conduta do jornalista’, ‘Rumos do Jornalismo na era da hipérbole’ e ‘As tendências comunitaristas no jornalismo cívico’. Aí, Mário Mesquita reúne um conjunto de intervenções recentes nas quais discute a problemática noção de acontecimento mediático; a tensa relação de aproximação/distanciamento do jornalista com o acontecimento e o ‘valor do recuo’; e o papel do jornalismo, nomeadamente do chamado jornalismo cívico ou público na reinvenção de uma esfera pública verdadeiramente participada.

A segunda parte, ‘*Poderes*’, é dedicada às ‘Percepções contemporâneas do poder dos *media*’, às ‘Tendências da Comunicação Política’, à ‘Retórica mediática e (a)os direitos da pessoa’ e à ‘Personagem jornalística da narratologia à deontologia’. Neste contexto, procede-se a uma contextualização e a uma desmontagem do conceito ‘quarto poder’ e interroga-se o jornalismo enquanto ‘contra-poder’. São também analisadas a retórica política, a retórica mediática, a construção das narrativas e as construções das personagens políticas e jornalísticas.

A terceira parte, intitulada ‘*Perspectivas*’, situa-se no cruzamento entre os *media*, o ensino, o cinema e a informação internacional. Sendo provavelmente o capítulo com menor unidade temática, compreende artigos de grande importância pelo regresso a antigos debates que, apesar da sua pertinência, parecem não fazer parte do núcleo central da agenda política e mediática. São disso exemplo as assimetrias, as desigualdades no acesso à formação e à informação de que, entre outros temas, nos fala Mário Mesquita neste capítulo.

Em ‘*Deontologias*’, na quarta parte do livro, somos confrontados com oito textos, entre os quais podemos destacar ‘Em louvor da Santa Objectividade’, ‘A deontologia do jornalismo como antecipação ao direito’, ‘A provável (in)utilidade da deontologia em tempos de euforia mediática e ‘O meta-jornalismo ou a auto-regulação informal’. Estas problemáticas estarão talvez mais próximas do que constituiu o debate público sobre o jornalismo e os *media*. A ética, a moral, a deontologia, a auto-regulação e a hetero-regulação são perspectivadas de forma, simultaneamente, simples e complexa, tornando estes artigos particularmente úteis para os profissionais que queiram aprofundar a reflexão sobre o seu desempenho e sobre o trabalho das redacções em que estão inseridos.

Esta obra termina com um capítulo dedicado aos ‘*Cerimoniais*’ que é, nas palavras do autor, construído à volta da teoria dos ‘acontecimentos mediáticos’, estabelecida por Daniel Dayan e Elihu Katz. Todos os artigos foram ‘elaborados *a latere* de um trabalho de investigação sobre a ‘televisão cerimonial’, incluindo a abordagem teórica dos conceitos de cerimónia, ritual, liturgia, espectáculo e festa e da sua possível aplicação ao discurso televisivo’. ‘A Cerimónia do esquecimento – os funerais de Hirohito’, ‘O performativo cerimonial – da praça pública à televisão’, ‘O tempo cerimonial na televisão ou a nostalgia programada’, ‘Retóricas da Comunicação – do jornalismo às telecerimónias’, ‘Legitimação política e acontecimentos cerimoniais’ e ‘A construção televisiva de acontecimentos festivos’ são os seis textos que encerram este trabalho, numa parte do livro particularmente homogénea.

À exceção deste último capítulo, que revela uma grande centralidade temática e teórica, estamos perante um livro que, mais do que uma tese singular sobre o jornalismo contemporâneo, revela o exercício da profissão e dos seus poderes (e impotências) à luz de inúmeros equívocos e antagonismos. Os paradoxos do jornalismo e dos *media* são ainda apresentados num contexto mais alargado das contradições dos próprios sistemas democráticos e da crise de legitimidade que parece hoje caracterizá-los. Nas articulações que tece com o campo social mais amplo em que se inserem os vários jornalismo e as suas representações, Mário Mesquita vai dando conta dos constrangimentos (e potencialidades) económicos, sociais, culturais e míticos em que navega esta ideia frágil de todos os dias nos contarem o presente.